

Percepções de estudantes de enfermagem sobre os relacionamentos intergeracionais em pediatria

Perceptions of nursing students about intergenerational relationships in pediatrics

Percepciones de estudiantes de enfermería sobre las relaciones intergeneracionales en pediatría

Laís Oliveira Silva¹  <https://orcid.org/0000-0002-2168-2931>

Daniela Doulavince Amador²  <https://orcid.org/0000-0003-0641-1743>

Ana Márcia Chiaradia Mendes-Castillo²  <https://orcid.org/0000-0002-0367-1606>

Resumo

Objetivo: Conhecer as percepções de acadêmicos de Enfermagem referentes aos relacionamentos intergeracionais em pediatria.

Métodos: Estudo qualitativo. Os dados foram coletados com uma amostra de 32 estudantes do terceiro e do quarto anos de graduação em Enfermagem, através de questionários e entrevistas. Os dados foram analisados à luz do Interacionismo Simbólico, por análise qualitativa de conteúdo.

Resultados: Foi possível elencar três categorias: descrevendo e atribuindo significado aos avós; vivenciando experiências de ser cuidado pelos avós; e refletindo sobre a presença dos avós da criança no hospital. É fundamental que o ensino do cuidado centrado na criança e sua família traga conteúdos que abordem essa geração, para que os futuros enfermeiros sejam capacitados a enxergá-los como parte da experiência, para que os avós sejam incluídos nas ações de cuidado.

Conclusão: Consideramos essencial a ampliação da perspectiva do cuidado centrado na criança e sua família, para que os futuros enfermeiros sejam capacitados a realizar a inclusão dos avós nas ações de cuidado.

Abstract

Objective: To know the perceptions of Nursing students in relation to intergenerational relationships in pediatrics. **Methods:** Qualitative study. Data were collected from a sample of 32 students from the third and fourth years of graduation in Nursing, through questionnaires and interviews. Data were analyzed in light of Symbolic Interactionism by qualitative content analysis.

Results: It was possible to list three categories: describing and attributing meaning to grandparents, experiencing experiences of being cared for by grandparents and reflecting on the presence of the child's grandparents in the hospital. It is essential that the teaching of care centered on children and their families brings content that addresses this generation, so that future nurses are able to see them as part of the experience, so that grandparents are included in care actions.

Conclusion: We consider it essential to expand the perspective of care centered on children and their families, so that future nurses are able to carry out the inclusion of grandparents in care actions.

Resumen

Objetivo: Conocer las percepciones de los estudiantes de Enfermería en relación a las relaciones intergeneracionales en pediatría.

Métodos: Estudio cualitativo. Los datos fueron recolectados de una muestra de 32 estudiantes del tercer y cuarto año de la carrera de Enfermería, a través de cuestionarios y entrevistas. Los datos fueron analizados a la luz del Interaccionismo Simbólico por análisis cualitativa de contenido.

Resultados: Fue posible enumerar tres categorías: describir y atribuir significado a los abuelos, vivenciar experiencias de ser cuidado por los abuelos y reflexionar sobre la presencia de los abuelos del niño en el hospital. Es fundamental que la enseñanza del cuidado centrada en el niño y su familia traiga contenidos que atiendan a esta generación, para que los futuros enfermeros puedan verlos como parte de la experiencia, para que los abuelos sean incluidos en las acciones de cuidado.

Conclusión: Consideramos fundamental ampliar la perspectiva del cuidado centrado en el niño y su familia, para que los futuros enfermeros puedan incluir a los abuelos en las acciones de cuidado.

Descritores

Estudantes de enfermagem; Enfermagem pediátrica; Relações familiares; Criança hospitalizada; Pesquisa qualitativa

Keywords

Nursing students; Pediatric nursing; Family relations; Child hospitalized; Qualitative research

Descriptores

Estudiantes de enfermería; Enfermería pediátrica; Relaciones familiares; Niño hospitalizado; Investigación cualitativa

Como citar:

Silva LO, Amador DD, Mendes-Castillo AMC. Percepções de estudantes de enfermagem sobre os relacionamentos intergeracionais em pediatria. Rev Soc Bras Enferm Ped. 2022;22:eSOBEP2022008.

¹UKSH Universitätsklinikum Schleswig-Holstein, Kiel, Alemanha.

²Faculdade de Enfermagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil.

Conflitos de interesse: nada a declarar.

Submetido: 8 de Junho de 2022 | **Aceito:** 13 de Outubro de 2022

Autor correspondente: Ana Márcia Chiaradia Mendes-Castillo | E-mail: anacasti@unicamp.br

DOI: <http://dx.doi.org/10.31508/1676-379320220008>

Introdução

Os pesquisadores de enfermagem há tempos reconhecem que a família deve ser considerada como unidade de cuidado e buscam desenvolver estratégias de ensino da prática de enfermagem com foco familiar.^(1,2) De forma crescente, o impacto da doença em diferentes membros da família tem sido investigado. Percebe-se a tradução do conhecimento produzido em estratégias eficazes de avaliação e intervenção com famílias em diversos contextos de atenção.^(3,4)

De forma paralela, observa-se hoje na população mundial o fenômeno da longevidade. Estima-se, mundialmente, uma expectativa média de vida de 73,4 anos – aumentando a probabilidade de três ou quatro gerações coexistirem na família.⁽⁵⁾ Além disso, fatores como inserção da mulher no mercado de trabalho e aumento do número de divórcios e de pais solteiros têm feito com que os avós sejam a principal fonte de suporte social para que os pais possam exercer outras atividades – de lazer ou profissionais.^(6,7)

Com isso, a terceira geração está presente nos núcleos familiares com maior participação. Em nossa prática clínica, já é uma realidade encontrarmos avós como acompanhantes de crianças hospitalizadas. O impacto da doença do neto nos avós, bem como as funções e os papéis por eles desempenhados nesse contexto têm sido alvos crescentes de investigação.^(8,9) É unânime a escassez de suporte que os avós referem ao cuidarem de seus netos, evidenciando que a equipe de saúde ainda tende a considerar apenas pais e irmãos no cuidado familiar da criança, apesar das mudanças na estrutura familiar que nossa sociedade vivencia.

Até o presente, são escassos os estudos que acessem o que tem sido ensinado em relação aos avós nos currículos de graduação. Sabe-se que, embora o estudo do envelhecimento esteja presente no ensino da enfermagem, verifica-se que esse estudo é feito de forma desvinculada da experiência de tornar-se avô ou dos relacionamentos familiares, abordando apenas aspectos biopsicológicos inerentes a essa fase da vida; não existe a ponte que, culturalmente, temos observado se fortalecer: o relacionamento entre avós e netos – e suas implicações tanto na perspectiva de quem estuda a terceira geração, como para quem trabalha com pediatria.

Partimos da premissa de que o estudante de graduação tem sua formação pautada em muitas experiências que levam a reflexões pessoais. Tais experiências são oriundas não apenas das situações vivenciadas nas práticas de estágio, mas também em suas próprias vivências, que são formadas à medida que o aluno avança em sua formação e tem suas crenças e definições transformadas ou fortalecidas.⁽¹⁾

Sendo assim, um dos fatores importantes para a compreensão e adequação do ensino do processo de envelhecimento – e também do processo de cuidar da família da criança em situação de doença – é conhecer as concepções dos próprios alunos em relação aos avós, entendendo e até predizendo seu comportamento em relação a eles no contexto da assistência à família da criança hospitalizada.

Diante disso, perguntamos: “Quais são as percepções dos alunos de graduação em enfermagem sobre os avós?”, “Qual o significado que os alunos atribuem aos avós dentro do contexto familiar?”, “Qual a importância destinada aos avós no contexto de doença da criança?”.

Acreditamos que conhecer as respostas para essas indagações, em nossa sociedade – em que, concomitantemente, assistimos o aumento do número de idosos e sua maior inserção e participação instrumental e afetiva nos núcleos familiares – é fundamental. O processo de aprendizagem deve ter como meta o crescimento pessoal, através de experiências significativas que desenvolvam sensibilização teórica e instrumental dos alunos e que eles sejam dirigidos a uma formação total, que pense na criança e sua família de forma integral.

Nesse sentido, este estudo teve por objetivo conhecer as percepções de acadêmicos de enfermagem em relação aos relacionamentos intergeracionais em pediatria.

Métodos

Trata-se de pesquisa descritiva, de abordagem qualitativa. Os dados foram coletados em uma faculdade de enfermagem de uma universidade pública do interior do Estado de São Paulo, Brasil. Os participantes da pesquisa foram estudantes do curso de graduação em enfermagem. Os critérios de inclusão foram: estar

no terceiro ou quarto ano da graduação em enfermagem e já ter passado pela prática de Enfermagem na Saúde da criança e do adolescente no hospital. Os dados foram coletados por meio de questionários autoaplicáveis, com perguntas abertas, e entrevistas. O questionário era semiestruturado e dividido em duas partes. A primeira foi destinada à coleta de dados de identificação, enquanto a segunda continha perguntas abertas, relativas às vivências dos próprios participantes quando crianças, com seus avós, e sobre sua experiência nas práticas de saúde da criança.

Foram distribuídos 59 instrumentos de pesquisa aos alunos do terceiro e do quarto anos da graduação. Houve retorno de 32 estudantes, que compuseram a amostra deste estudo. Os instrumentos preenchidos foram lidos pelas pesquisadoras repetidas vezes e alguns participantes foram convidados a realizar uma entrevista qualitativa. O objetivo das entrevistas era compreender, com maior profundidade, aspectos da experiência dos participantes que despertaram a atenção mediante a leitura dos instrumentos. Ao todo, foram realizadas 8 entrevistas, com duração média de 15 minutos. As entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra pela própria entrevistadora logo após a sua realização.

Os dados foram analisados à luz do Interacionismo Simbólico⁽¹¹⁾ e explorados por meio de análise qualitativa de conteúdo. Essa análise permite a codificação da *intenção* do participante – e não apenas das suas palavras.⁽¹²⁾

A partir da análise dos dados, foi possível elencar três categorias: descrevendo e atribuindo significado aos avós; vivenciando experiências de ser cuidado pelos avós; e refletindo sobre a presença dos avós da criança no hospital. Manteve-se o anonimato dos participantes, que foram identificados por letras “E”, seguidas por número conforme a ordem de entrevista.

Toda conduta ética preconizada pela Resolução CNS 466/12⁽¹⁰⁾ foi rigorosamente adotada no estudo. Todos os participantes foram voluntários. Garantimos aos participantes o acesso a todas as informações necessárias para a tomada de decisão em participar da pesquisa, por meio do Termo de Consentimento. O projeto desta pesquisa foi autorizado pelo local do estudo e aprovado por Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), sob o parecer 1.164.151 (Certificado de Apresentação de Apreciação Ética: 45893715.6.0000.5404).

Resultados

Participaram do estudo 32 estudantes, sendo que 16 deles cursavam o terceiro ano da graduação, enquanto os outros 16, o quarto ano. A maioria (n=30) era do sexo feminino e tinha entre 20 e 25 anos de idade. Em relação ao estado civil, 29 participantes são solteiros, e 3 casados. Quanto à religião dos alunos, 12 são católicos, 7 declaram não possuir religião, 4 são espíritas, 7 evangélicos e 2 agnósticos. A maioria dos participantes (n=30) relatou ter convívio com os avós, tanto na infância quanto atualmente. A análise do conteúdo das respostas permitiu a criação de três categorias: descrevendo e atribuindo significado aos avós; vivenciando experiências de ser cuidado pelos avós; e refletindo sobre a presença dos avós da criança no hospital.

Descrevendo e atribuindo significado aos avós

Os estudantes descrevem os avós em função dos aspectos emocionais vindos da convivência com eles. Os avós são descritos, principalmente, como sendo pessoas carinhosas, cuidadosas, acolhedoras, protetoras. Para os estudantes, o nascimento dos netos transforma os avós e faz com que eles passem a interagir com as novas crianças da família de forma diferente, por vezes mais afetuosa até do que com os próprios filhos.

Meus tios tinham medo do meu avô; foi muito engraçado, porque, quando veio a geração dos netos, mudou completamente, parecia outra pessoa, adocicou completamente, eles eram superpacientes, superatenciosos; então, era engraçado, porque eu e meus primos fazíamos de tudo pra tirar meu avô do sério, porque a gente nunca tinha visto ele bravo (E3).

Essas manifestações de afeto são sentidas através de gestos e atitudes afetivas, como contar histórias, fazer uma comida preferida, manter contato frequente e preocupar-se com a vida do neto.

Da minha avó materna, é o que eu mais lembro; era aquela coisa mais de proteção assim, quando eu me machucava, [...] eu ia até minha avó; alguns finais de semana que minha mãe não podia cuidar de mim, eu ia e dormia na casa da minha avó, e sempre era

uma coisa muito gostosa, eu sempre queria ir pra lá, porque sempre tinha comida muito gostosa; foi muito presente (E3).

Os aspectos de cunho instrumental do papel dos avós na família dos estudantes trazem evidências de uma geração universitária que já vivenciou algumas das transformações demográficas que enfrentamos hoje: avós cuidando de seus netos, enquanto ambos os pais trabalham, ou porque os pais são divorciados, avós ajudando financeiramente os filhos adultos.

Porque eles são a base, tudo o que se precisa na família, vão atrás deles querendo ou não. Ah vai deixar o neto com quem? Com a avó. [...] tudo que eles precisam é a avó e o avô (E5).

Alguns estudantes também descreveram seus avós como pessoas distantes, com quem eles não possuem muito contato, seja por questões de óbito, separação geográfica ou até mesmo por conflitos familiares. Para eles, esse relacionamento não foi vivenciado de forma positiva.

A minha avó materna não gosta dos netos, diz isso claramente; então não tenho muito afeto e contato com ela, até mesmo por morar longe (E11).

No entanto, de forma mais constante, os participantes deste estudo atribuem aos avós posição de destaque em suas formações, tanto pessoais como familiares. Veem os avós como pessoas centrais na família, influentes, capazes de aconselhar e direcionar os demais membros da família em decisões importantes e em questões cotidianas. Os avós transmitem ensinamentos, crenças e valores que são essenciais à vida.

Durante a minha infância, meus avós me proporcionaram muitas leituras e trabalhos manuais, como pintura e crochê. Sempre me presentearam com muitos livros, o que influenciou no meu desenvolvimento (E10).

Aprendi muito sobre respeito com eles, e eles foram importantes para eu perceber como é constituída uma família (E9).

Na ausência prolongada de um dos pais, quer por falecimento ou por separação, alguns participantes

veem nos avós alguém capaz de substituí-los na função. Nestas condições, os avós se tornam um segundo pai ou uma segunda mãe – exercendo também forte influência na formação dos participantes.

Como possuo contato limitado com meu pai, meu avô sempre foi meu exemplo paterno (E1).

Mesmo hoje, já jovens universitários, aqueles que tiveram experiências positivas com seus avós na infância e ainda desfrutam de seu convívio retratam a importância significativa que os avós exercem atualmente em suas vidas. Para esses estudantes, os avós são apoiadores frequentes, conselheiros, capazes de sentir empatia pelo que estão passando e entusiastas orgulhosos dos seus netos.

Em tudo eu sempre tive o apoio delas. Elas sentem muito orgulho por eu estar na faculdade, por todas as decisões que eu tomo, agora que eu vou casar, as duas estão muito empolgadas, cada vez que eu vejo elas, eu ganho um pano de prato! (E2).

Vivenciando experiências de ser cuidado pelos avós

Os participantes do estudo, que tiveram contato frequente com os avós quando crianças, vivenciaram situações em que precisaram dos cuidados deles, em circunstâncias que não as cotidianas. Relembrou que foram cuidados pelos avós em situações de doença, dor, recuperação de cirurgias, hospitalizações, acompanhamento em consultas médicas. Uma estudante descreveu ter sido cuidada pelos avós quando um dos irmãos ficava doente:

Quando meus irmãos ficavam doentes, meu avô é quem sempre ficava comigo, me acalmava e quem sempre me dizia que ia ficar tudo bem (E1).

Ao compartilharem suas vivências, os componentes afetivos do papel desempenhado pelos avós, descritos na categoria anterior, como sendo pessoas afetuosas e zelosas dos netos, aparecem de forma consistente. “Os avós cuidam de forma diferente” é essência comum das falas dos estudantes. O cuidado

dos avós era especial e lhes trouxe conforto e alívio do sofrimento na infância.

Ela foi no dia da cirurgia, ficou lá na capela do hospital. A gente chegou no hospital meio-dia, e eu fui pro quarto já era noite; então ela saiu mais de dez horas da noite, ela ficou lá, até ela me ver no quarto, ela não foi embora. E daí nos outros dias ela e meu vó, que naquela época era vivo, eles iam no hospital quase todo dia, e como eu não gostava da comida do hospital, o médico por conta disso liberou eu comer qualquer coisa, porque senão eu não comia, aí eu gostava muito da sopa da minha vó, arroz e feijão, então quase todo dia ela levava sopa, arroz e feijão pra mim no hospital (E6).

Para os participantes, o cuidado dos avós também era sacrificial, pois eles avaliam que os avós faziam o que fosse preciso para ajudar a família, ainda que isso implicasse em mudanças em sua própria vida.

Minha avó estava cuidando de mim nas férias e eu fiquei muito doente, minha avó era enfermeira, então cuidou de mim, enquanto todos iam para praia, ela ficou comigo em casa (E4).

No entanto, esse sacrifício dos avós em prol de seus netos tem o seu custo. Na perspectiva dos participantes, os avós também sofrem, mas, por serem visto pelos netos e até pela família como o alicerce da casa em tempos de crise, acreditam que a situação de doença na família não é um momento em que eles possam expressar seu sofrimento – ou mesmo sofrer. Os netos percebem não apenas o sofrimento, mas também as tentativas de o suprimir.

Como foram cirurgias ortopédicas, doíam muito, eu sofria muito, então eu chorava de dor. Então, quando minha avó ficava comigo durante o dia, minha mãe podia vir pra casa para descansar. Então, minha avó sofria muito, eu via no olhar dela que ela sofria com tudo que estava acontecendo; então, quando o médico vinha para ver como que estava e acabava mexendo e eu chorava de dor, ou a enfermeira que ia trocar o curativo, eu via no olho dela que ela não se sentia confortável ali, mas ela ficava, porque ela sabia que, se ela soubesse, quem ia me dar força entendeu, então ela ficava lá (E5).

Refletindo sobre a presença dos avós da criança no hospital

Diante do significado atribuído aos avós e das lembranças acerca da experiência de serem cuidados pelos avós quando criança, os participantes do estudo refletem sobre a presença dos avós da criança hospitalizada que eles, como estudantes, assistiram ainda na graduação.

Por que os avós estavam no hospital? Como interagiam com a criança? Como interagiam com a equipe de enfermagem? A maioria dos participantes teve dificuldade em lembrar ou descrever com detalhes algum momento no qual, em sua atividade prática de Enfermagem Pediátrica, os avós estivessem presentes no cuidado da criança. Os que o fizeram, no entanto, foram pontuais em descrever os momentos em que isso acontecia. Na vivência deles, os avós estão presentes no hospital durante o horário de visitas, revezando com a mãe e o pai para que eles possam ir para casa descansar ou mesmo cuidar da casa ou dos outros filhos, ou estão presentes como o acompanhante principal da criança. A presença das avós, mulheres, é mais comum e esperada no ambiente hospitalar. O avô, tal qual o pai, causa estranhamento e surpresa quando aparece como personagem frequente no cuidado da criança hospitalizada – como vemos no relato desta estudante:

Um senhorzinho que revezava com o pai o cuidado com o neto. Eu não vi a mãe e nem a avó, eu só vi os dois, e achei interessante porque geralmente quem fica é mãe, avó, geralmente esse encargo acaba sendo para as mulheres né, aí eu achei interessante a forma com que ele abordava, perguntando, preocupado, então tudo o que a gente ia fazer ele perguntava, por que gente estava fazendo, o que a gente ia fazer [...] quando o neto precisava de alguma coisa, ele estava sempre em alerta (E5).

Quanto ao relacionamento dos avós com a criança hospitalizada, os participantes do estudo consideraram como benéfico à criança quando a relação de vínculo entre eles era visível. Para eles, tal vínculo é demonstrado através do carinho, das visitas frequentes, da alegria expressa pelos netos quando os avós chegam e, frequentemente, das atividades de cuidado que os próprios avós desempenham. Na percepção

deles, na presença dos avós, as crianças ficam tranquilas, assim como com um dos pais.

Por outro lado, quando os avós se comportam de forma a tentar interferir nos cuidados que os pais acreditam ser os melhores para a criança, gerando conflitos na família, a criança, ainda que não esteja diretamente envolvida, acaba sendo prejudicada. Para os participantes do estudo, situações assim geram desconforto e as interações entre avós e netos se tornam prejudiciais à criança e à família. Tal desconforto, por sua vez, também gera constrangimento nos estudantes, que se sentem perdidos em relação a como agir.

Percebi que a avó por vezes era meio invasiva, se intrometia nos cuidados e na família, deixando a criança com raiva da avó [...]. A mãe não tinha voz frente a avó, a avó interferia e pensava que mandava mesmo, não soube a quem me dirigir, a criança me pareceu deslocada em relação a quem ouvir (E8).

Quanto às interações entre a equipe de enfermagem e os avós, apenas nove participantes conseguiram relembrar e descrever alguma situação em que viu isso acontecendo. Para alguns, os avós foram bem recebidos pela equipe, respeitados, às vezes com benefício de tolerância no horário de visitas. Uma estudante disse que presenciou uma situação na qual os avós recebiam informações sobre o estado de saúde da criança diretamente dos enfermeiros, enquanto outra destacou que a equipe tinha um relacionamento melhor com os avós do que com a mãe. No entanto, outros participantes chamaram a atenção para o fato de que os profissionais pareciam não dar importância aos avós ou o fato de que as informações não eram transmitidas para eles.

Os estudantes testemunharam os avós agindo como fonte importante de apoio e suporte, tanto para os pais como para as crianças. Para eles, os avós podem ajudar a enfrentar o medo do desconhecido, aliviar a carga dos pais, ao revezarem os cuidados, e transmitem força e segurança para a família do filho adulto que está vivendo a experiência de ter um filho hospitalizado. No entanto, assim como perceberam, nos próprios avós um sofrimento não exteriorizado, eles também percebem que, no contexto das unidades de internação pediátricas, os avós ali presentes muitas vezes estão sofrendo, mas seguindo em frente para

transmitir força para a família – ainda que não tenham força para si próprios.

Conversei por longo tempo com a avó, percebi o quanto ela foi importante para o tratamento do bebê, o quanto sofria por ver o neto internado, o quanto a presença dela ajudava a mãe do bebê e por isso ela ficava lá – mesmo sofrendo tanto (E7).

Discussão

Este estudo buscou explorar as percepções dos estudantes de enfermagem em relação aos avós e sua inserção no cuidado da família da criança hospitalizada. A análise dos dados permitiu identificar três categorias: descrevendo e atribuindo significado aos avós; vivenciando experiências de ser cuidado pelos avós; e refletindo sobre a presença dos avós da criança no hospital.

Apesar de distintas, percebemos, durante o processo de análise, que estas categorias se apresentam fortemente interligadas, visto que, à medida que o aluno atribui significado aos próprios avós e sua presença na infância, ele reflete sobre o seu papel como futuro enfermeiro, no contexto da assistência à criança, e retoma experiências em que os avós estiveram presentes e que também o fazem refletir sobre seu processo de cuidar da criança hospitalizada e de sua família. Tal caminho é convergente com a perspectiva do Interacionismo Simbólico, no qual o sujeito assume um lugar teórico como intérprete do mundo.⁽¹¹⁾ Dessa maneira, os estudantes de enfermagem tornam-se capazes de utilizar suas experiências para interpretar, interagir e reinterpretar as situações vivenciadas. Acreditamos que tal reflexão possa trazer novos elementos com os quais o aluno interage, fazendo com que ele passe a atribuir novo significado aos avós e, desta forma, mude também o sentido atribuído à sua própria atuação como futuro enfermeiro.

A percepção e o significado atribuído aos avós e seu relacionamento com os jovens participantes deste estudo indicaram que, para eles, a terceira geração assume papel central na família, de conselheiro, suporte emocional e financeiro, muitas vezes de segundo pai e mãe e, também, de cuidador. Estudos que investigaram o relacionamento intergeracional a partir da perspecti-

va de diferentes faixas etárias indicaram que o relacionamento avós-netos, marcado por prazer e brincadeiras, ocorre mais na infância, pois, à medida que os netos crescem, os significados desta relação vão adquirindo novo sentido. Os universitários demonstram, sobretudo, intensa e positiva memória afetiva das relações da infância, bem como respeito à sabedoria e à experiência dos avós.^(6,7,13,14) Tais dados convergem com os obtidos nesta pesquisa, em que os participantes voltaram-se ao brincar, contar histórias e carinhos, presentes na infância, e posteriormente ao respeito e à cumplicidade com os avós depois de crescidos.

A participação maciça da terceira geração na vida e criação dos netos que participaram deste estudo corroboram as evidências que indicam que o fenômeno da longevidade humana e as mudanças socioculturais que vemos atualmente trazem consigo novos papéis para os avós e também novos significados para os membros familiares.^(7,8,13)

A geração que tem chegado às universidades tem convivido com mais intensidade com seus avós e até bisavós do que outrora, o que pode gerar oportunidades preciosas de discussão e reflexão acerca dos diferentes tipos de relacionamentos familiares e intergeracionais, além da reconstrução de conceitos acerca do processo de envelhecimento e, também, da avosidade. Em um estudo realizado com estudantes da área da saúde, os avós foram considerados figuras fundamentais em suas vidas, sendo vistos como confidentes e fontes de apoio emocional. Imaginavam a própria velhice caracterizada por fortes relações familiares e pelo envelhecimento ativo, devido à experiência pessoal com os avós. A relação intergeracional é caracterizada pelo respeito e pela reciprocidade, pois reconhecem a fragilidade e a vulnerabilidade dos idosos, mas também veem a solidariedade intergeracional como uma forma de protegê-los.⁽¹⁴⁾

Tais espaços podem favorecer o compartilhar de experiências e a transformação na prática profissional deste futuro enfermeiro – e deve ser encorajada! Neste sentido, ensinar o aluno a “Pensar família”⁽¹⁵⁾ deve ser revisto em seu sentido mais amplo, de forma a incluir todos aqueles envolvidos no cotidiano familiar – e não apenas pais e filhos.

Um momento no qual esse pensar ampliado é particularmente importante é quando uma criança está doente. A literatura indica que os avós sofrem de

forma multiplicada e emudecida quando um de seus netos adocece.⁽¹⁵⁻¹⁸⁾ Os avós carecem de suporte, mas não o encontram na equipe multiprofissional, temem sobrecarregar os filhos com suas demandas e, diante disso, abafam o próprio sofrimento para tentarem ajudar a família do filho da melhor forma possível.^(15,17,18)

Os discursos dos participantes deste estudo, tanto sobre experiências vividas quando crianças quanto sobre o que testemunharam nas atividades práticas, trazem aspectos semelhantes de sofrimento e falta de suporte oferecido aos avós. Os estudantes perceberam os avós como recurso importante para eles, quando doentes, para sua própria família e, também, para as crianças que eles observaram na prática hospitalar. No entanto, também notaram um sofrimento não acessado, o que acabou por gerar insegurança e desconforto no fazer. Como ajudá-los? *Devo ajudá-los?*

Mediante resultados obtidos por meio das experiências pessoais dos estudantes, observa-se que o campo prático é um verdadeiro laboratório para criação de saberes individuais e compartilhados.^(14,19) Através da interação dos alunos com situações em que avós e netos estavam presentes no contexto da hospitalização, criou-se um significado específico para o papel do enfermeiro no cuidado da família de uma criança hospitalizada. No entanto, a falta de conhecimento e de experiências prévias sobre como lidar com essa população os afasta, ainda que lhes seja despertado o sentimento de compaixão pela situação de sofrimento observada.

O presente estudo traz como limitação o fato de ter sido realizado em uma única instituição, o que pode não representar outras realidades.

O estudo evidencia que é mister que o ensino do cuidado centrado na criança e sua família traga conteúdos que abordem essa geração, para que os futuros enfermeiros sejam capacitados a enxergá-los como parte da experiência, para que os avós sejam incluídos nas ações de cuidado.

Conclusão

Os resultados aqui apresentados suscitaram novas perguntas de pesquisa. “Como se dá o ensino dos relacionamentos intergeracionais nos cursos de graduação em saúde no país?”, “De que forma os enfermeiros pedia-

tras se relacionam com os avós nesse contexto?” e “De que forma os enfermeiros percebem o relacionamento dos avós e netos?”. Os estudantes reconhecem os avós como cuidadores importantes, que, por isso, devem ser *acolhidos* pela equipe como pessoas que necessitam de atenção especial. Estamos preparados para isso, no contexto da pediatria? Esperamos que este trabalho forneça subsídios para que docentes e profissionais fomentem um cuidado integral, pautado nas necessidades da criança e de toda a sua família, de forma a promover a saúde e o ótimo funcionamento familiar.

Colaborações

Silva LO, Amador DD e Mendes-Castillo AMC contribuíram com a concepção do projeto, análise e interpretação dos dados, redação do artigo, revisão crítica relevante do conteúdo intelectual e aprovação da versão final a ser publicada.

Referências

- Meiers SJ, Eggenberger SK, Krumwiede N. Development and Implementation of a Family-Focused Undergraduate Nursing Curriculum: Minnesota State University, Mankato. *J Fam Nurs*. 2018; 24(3):307-44.
- Broekema S, Luttik ML, Steggerda GE, Paans W, Roodbol PF. Measuring change in nurses' perceptions about family nursing competency following a 6-day educational intervention. *J Fam Nurs*. 2018;24(4):508-37.
- Polita NB, Alvarenga WA, Leite ACAB, Araújo JS, Santos LBPA, Zago MMF et al. Care provided by the father to the child with cancer under the influence of masculinities: qualitative meta-synthesis. *Rev Bras Enferm*. 2018;71(1):185-94.
- Krishnan A, Behera P, Nongkynrih B. Approach to family assessment and intervention. *Nat Med J India*. 2017;30:279-84.
- World Health Organization (WHO). Methods and data sources for life tables 1990-2019. Washington (DC): WHO; 2020 [cited 2021 Feb 16]. Available from: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/3097/tcmb_2019.pdf
- Sadraddin AF, Ponguta LA, Zonderman AL, Wiley KS, Grimshaw A, Panter-Brick C. How do grandparents influence child health and development? A systematic review. *Soc Sci Med*. 2019;239:1124762.
- Dunifon RE, Near CE, Ziolo-Guest KM. Backup Parents, Playmates, Friends: Grandparents' Time With Grandchildren. *J Marriage Fam*. 2018;80(3):752-67.
- Flury M, Orellana-Rios CL, Bergsträsser E, Becker G. "This is the worst that has happened to me in 86 years": A qualitative study of the experiences of grandparents losing a grandchild due to a neurological or oncological disease. *J Spec Pediatr Nurs*. 2021;26(1):e12311.
- Mendes-Castillo AMC, Bousso RS. The experience of grandmothers in childhood cancer. *Rev Bras Enferm*. 2016; 69(3):559-65.
- Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. Aprova as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2012 [cited 2021 Jun 13]. Available from: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html
- Charon JM. Symbolic Interactionism: an introduction, an interpretation, an integration. 10^a ed. New Jersey: Prentice-Hall; 2010. 240 p.
- Bardin L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011. 229p.
- Mendes-Castillo AMC, Bousso RS. Os avós de crianças doentes: nova perspectiva para pesquisas com famílias no Brasil. *Rev Min Enferm*. 2015;19(3):793-6.
- Marchetti A, Lommi M, Capuzzo MT, Piredda M, Marinis MG, Matarese M. Undergraduate healthcare students' personal experiences with older adults: A qualitative description study. *Nurse Educ Today*. 2021;97:104715.
- Mendes-Castillo AMC, Bousso RS, Silva LR. Avaliação do manejo familiar da criança transplantada quando os avós são cuidadores: estudo de caso. *Online Braz J Nurs*. 2014;13(4):667-76.
- Kelada L, Wakefield CE, Doolan EL, Drew D, Wiener L, Michel G, et al. Grandparents of children with cancer: a controlled comparison of perceived family functioning. *Support Care Cancer*. 2019; 27(6):2087-94.
- Wakefield CE, Fardell JE, Doolan EL, Drew D, Abreu Lourenco R, Young AL, et al. Grandparents of children with cancer: Quality of life, medication and hospitalizations. *Pediatr Blood Cancer*. 2017; 64(1):163-71.
- Moraes ES, Mendes-Castillo AMC. The experience of grandparents of children hospitalized in Pediatric Intensive Care Unit. *Rev Esc Enferm USP*. 2018;13(52):e03395.
- Ribeiro OM, Martins MM, Carvalho AL, Santos LM, Viana MF. Views on nursing education in Portugal. *Rev Rene*. 2018;19:e3313.